Produzir

A força da agropecuária



Cesário Ramalho da Silva*

ESTE ANO observamos uma mobilização e uma integração impressionante das instituições que representam a agricultura brasileira. Na área sindical, mobilizaram-se os sindicatos rurais, em nível dos municípios, as federações sindicais, em nível dos Estados, e a CNA, em nível nacional. As cooperativas também se uniram, assim como suas organizações, em nível estadual, como é o caso da Ocesp, e na esfera federal, a OCB. Na área do associativismo, a Sociedade Rural Brasileira atuou em nível nacional, e muitas outras trabalharam muito bem em suas regiões e seus municípios. Não podemos esquecer as organizações focadas em determinados produtos, como a Aprosoja, a Unica, a ABCZ, a Abralg, a Florestar e tantas outras. No Congresso Nacional, a Frente Parlamentar da Agropecuária trabalhou incansavelmente e de forma harmônica.

Só me recordo de outro momento, de união semelhante, que ocorreu 23 anos atrás, na elaboração da Constituição de 1988. Hoje, a razão que uniu a agricultura brasileira foi a reforma do Código Florestal, que vem deixando a grande maioria dos produtores rurais na ilegalidade. Em 1988, o que nos uniu foi o combate em favor da livre iniciativa, quando conseguimos tornar a propriedade rural produtiva insuscetível de desapropriação para fins de reforma agrária. No ano seguinte, em 1989, caiu o Muro de Berlim.

Mas as mentalidades demoram a mudar. Dados do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (Nera), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), revelam que, no período de 1979 a 1987, mais de 7,2 milhões de hectares foram desapropriados para a implementação de assentamentos rurais. Depois da Constituinte, foram 57,3 milhões (até 2006) ao custo de imenso investimento por parte da União. Somadas as áreas, teremos quase 1/3 de tudo o que é designado para a agropecuária brasileira.

Hoje, ninguém mais acredita em reforma agrária.

A lição que tiramos dos dois episódios é que a agricultura brasileira tem uma força política imensa quando se une. Nada mais difícil no mundo atual que lidar com os assuntos ambientais. Agora, o meio ambiente não é uma questão técnica ou científica. É uma questão de paixão e fé. Muitos dos ambientalistas de hoje lembram os antigos missionários das religiões que saiam pelo mundo pregando a sua fé. Por esta razão, ao buscar a racionalidade, o agronegócio foi acusado de criminoso e inimigo do meio ambiente. Ainda assim, a força do bom argumento convenceu os parlamentares e boa parte da opinião pública. Permitiu a aprovação do relatório do deputado Aldo Rebelo, com 80% dos votos, na Câmara dos Deputados.

Da parte da Rural, temos buscado sempre a melhor aproximação com todas as lideranças, dentre as quais o ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro, Marcio Freitas, da OCB, e a senadora Kátia Abreu, da CNA. É no sentido de fortalecer a união do setor que tenho tido frequentes conversas com os representantes dos produtores rurais e da agroindústria.

Para o futuro, temos muito trabalho. As pautas importantes para o nosso crescimento são muitas. Sem segurança jurídica sobre a propriedade da terra não há investimento, e sem investimento não há desenvolvimento. Por essa razão, precisamos resolver assuntos como regularização fundiária, terras devolutas, de indígenas, quilombolas e estrangeiros, criação de unidades de conservação ambiental etc. Legislação trabalhista – incompatível com a realidade do campo –, políticas para fertilizantes e defensivos, carga tributária e burocracia sufocantes, aperfeiçoamento das políticas de comércio exterior etc. Assim como no caso do Código Florestal, temos ótimos argumentos, podemos desenvolver bons exemplos para convencer a opinião pública e os parlamentares da necessidade de mudanças.

Como estes assuntos não afetam a todos igualmente, não é fácil alcançar união em busca das soluções. O que está em jogo é a competitividade do Brasil. A crise da Grécia, por exemplo, mostra que quando um país perde sua competitividade todos sofrem. Vamos caminhar unidos para remover os entraves ao desenvolvimento nacional. ■

*Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)